

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

NOVEMBRO DE 1866

Nº 11

Maomé e o Islamismo

(2º artigo – Vide o número de agosto de 1866)

Foi em Medina que Maomé mandou construir a primeira mesquita, na qual trabalhou com as próprias mãos e organizou um culto regular. Aí pregou pela primeira vez em 623. Todas as medidas tomadas por ele testemunhavam a sua solicitude e previdência.

Diz o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire que “Um traço característico, ao mesmo tempo, do homem e de seu tempo, é a escolha feita por Maomé de três poetas de Medina, oficialmente encarregados de o defender contra as sátiras dos poetas de Meca. Provavelmente, não porque nele o amor fosse mais excitável do que convinha; mas, numa nação espirituosa e viva esses ataques tinham uma repercussão análoga à que podem ter os nossos jornais, atualmente, e eles eram muito perigosos.”

Dissemos que Maomé foi constrangido a fazer-se guerreiro. Com efeito, ele absolutamente não era de humor belicoso, como o havia provado nos primeiros cinquenta anos de

sua vida. Ora, mal tinham passados dois anos de sua permanência em Medina e os coraicitas de Meca, coligados com outras tribos hostis, vieram sitiar a cidade. Maomé teve que se defender; desde então começou para ele o período guerreiro, que durou dez anos e durante o qual se mostrou, sobretudo, um tático hábil. Num povo em que a guerra era um estado normal, que só conhecia o direito da força, o chefe da nova religião necessitava do prestígio da vitória para firmar a sua autoridade, mesmo sobre os seus partidários. A persuasão tinha pouco domínio sobre essas populações ignorantes e turbulentas; uma mansuetude em demasia teria sido tomada como fraqueza. Em seu pensamento, o Deus forte não podia manifestar-se senão por um homem forte, e o Cristo, com sua inalterável doçura, teria fracassado nessas regiões.

Maomé foi, pois, guerreiro pela força das circunstâncias, muito mais que por seu caráter, e terá sempre o mérito de não ter sido o provocador. Uma vez iniciada a luta, tinha de vencer ou morrer; só com esta condição poderia ser aceito como o enviado de Deus; era preciso que os seus inimigos fossem abatidos para se convencerem da superioridade de seu Deus sobre os ídolos que adoravam. Com exceção de um dos primeiros combates, onde foi ferido, e os muçulmanos derrotados em 625, suas armas foram constantemente vitoriosas, submetendo à sua lei, no espaço de alguns anos, a Arábia inteira. Quando viu sua autoridade consolidada e a idolatria destruída, entrou triunfalmente em Meca, após dez anos de exílio, seguido de quase cem mil peregrinos, aí realizando a célebre peregrinação dita do adeus, cujos ritos os muçulmanos conservaram escrupulosamente. Morreu no mesmo ano, dois meses depois de seu regresso a Medina, no dia 8 de junho de 632, com sessenta e dois anos de idade.

Deve-se julgar Maomé pela história autêntica e imparcial, e não conforme as lendas ridículas que a ignorância e o fanatismo espalharam por sua conta ou as descrições feitas pelos

que tinham interesse em desacreditá-lo, apresentando-o como um ambicioso sanguinário e cruel. Também não se deve responsabilizá-lo pelos excessos de seus sucessores, que quiseram conquistar o mundo para a fé muçulmana de espada em punho. Sem dúvida houve grandes infâmias no último período de sua vida; ele pode ser censurado por ter abusado, em algumas circunstâncias, do direito de vencedor e de nem sempre ter agido com a moderação necessária. Entretanto, ao lado de alguns atos que a nossa civilização reprovava, é preciso dizer, em sua defesa, que muitíssimas vezes ele se mostrou muito mais humano e clemente para com os inimigos do que vingativo e que inúmeras vezes deu provas de verdadeira grandeza de alma. Deve-se reconhecer, também, que mesmo em meio aos seus sucessos e quando havia chegado ao ponto culminante de sua glória, ele se fechou, até o seu último dia, no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica. Não se fez rei, nem potentado e jamais, em sua vida privada, se manchou por algum ato de fria barbárie ou de baixa cupidez. Sempre viveu simplesmente, sem fausto e sem luxo, mostrando-se bom e benevolente para com todos. Isto é da História.

Se nos reportarmos ao tempo e ao meio em que ele vivia; se considerarmos sobretudo as perseguições de que ele e os seus foram alvo, o encarniçamento de seus inimigos e os atos de barbárie que estes cometeram contra os seus partidários, é de admirar que no entusiasmo da vitória por vezes tenha usado de represálias? Deve-se censurá-lo por ter estabelecido a sua religião pelo ferro, num povo bárbaro que o combatia, quando a Bíblia registra, como fatos gloriosos para a fé, carnificinas de tal atrocidade que se é tentado a tomá-las como lendas? Quando, mil anos depois dele, nos países civilizados do Ocidente, cristãos, que tinham por guia a sublime lei do Cristo, atirando-se sobre vítimas pacíficas, sufocavam as heresias nas fogueiras, nas torturas, nos massacres e em ondas de sangue?

Se o papel guerreiro de Maomé lhe foi uma necessidade, e se esse papel pode escusá-lo de certos atos políticos, o mesmo não se dá com outros aspectos. Até a idade de cinqüenta anos, e enquanto viveu sua primeira mulher Cadija, quinze anos mais velha que ele, seus costumes foram irreprocháveis; mas desde esse momento suas paixões não conheceram nenhum freio e foi, incontestavelmente, para justificar o abuso que delas fez, que consagrou a poligamia em sua religião. Foi o seu mais grave erro, porque foi a barreira que ergueu entre o islamismo e o mundo civilizado; por isso sua religião não pôde, após doze séculos, transpor os limites de certas raças. É também o lado pelo qual o seu fundador mais se rebaixa aos nossos olhos. Os homens de gênio perdem sempre o seu prestígio quando se deixam dominar pela matéria; ao contrário, crescem tanto mais quanto mais se elevam acima das fraquezas da Humanidade.

Entretanto, tais eram os desregramentos dos costumes na época de Maomé, que uma reforma radical era muito difícil em homens habituados a se entregar às suas paixões com uma brutalidade bestial. Pode, pois, dizer-se que, regulamentando a poligamia, ele impôs limites à desordem e conteve abusos bem mais graves; mas nem por isso a poligamia deixará de ser o verme roedor do islamismo, porque é contrária às leis da Natureza. Pela igualdade numérica dos sexos, a própria Natureza traçou os limites das uniões. Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé não pensou que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, seria preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso que o masculino.

A despeito de suas imperfeições, o islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que surgiu e para o país onde nasceu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. Era a única religião possível para esses povos bárbaros, aos quais não era preciso pedir grandes sacrifícios às suas idéias e costumes. Era-lhes necessário algo de

simples como a Natureza, em meio da qual viviam; a religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas; por isso, todas as tentativas feitas durante cinco séculos para implantá-la nessas regiões, tinham fracassado completamente; o próprio judaísmo, muito argumentador, tinha feito poucos prosélitos entre os árabes embora os judeus propriamente ditos aí fossem bastante numerosos.

Superior à sua raça, Maomé tinha compreendido os homens de seu tempo. Para os tirar do aviltamento em que os mantinham grosseiras crenças, rebaixadas a um estúpido fetichismo, deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter. Essa religião era a mais simples de todas: “Crença num Deus único, todo-poderoso, eterno, infinito, presente em toda parte, clemente e misericordioso, criador dos céus, dos anjos e da Terra, Pai do homem, sobre o qual vela e o cumula de bens; remunerador e vingador numa outra vida, onde nos espera para nos recompensar ou nos punir conforme os nossos méritos; vendo nossas ações mais secretas e presidindo ao destino inteiro de suas criaturas, que não abandona um só instante, nem neste mundo, nem no outro; a mais humilde submissão e confiança absoluta em sua santa vontade.” Eis os dogmas.

Quanto ao culto, consiste na prece, repetida cinco vezes por dia, os jejuns e as mortificações do mês de ramadã, e em certas práticas, das quais diversas tinham um fim higiênico, tais as abluções quotidianas, a abstenção do vinho, dos licores inebriantes, da carne de certos animais, e que os fiéis consideram um caso de consciência observar escrupulosamente. A sexta-feira foi adotada como o dia santo da semana e Meca indicada como o ponto para o qual todo muçulmano deve voltar-se ao orar. O serviço público nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Alcorão. A circuncisão não foi instituída por Maomé, mas por ele conservada; era praticada entre os árabes desde tempos imemoriais. A proibição de reproduzir pela pintura ou pela

escultura qualquer ser vivo, homens e animais, foi feita visando destruir a idolatria, e impedir que ela tornasse a crescer. Enfim, a peregrinação a Meca, que todo fiel deve realizar ao menos uma vez na vida, é um ato religioso; mas tinha outro objetivo na época, um objetivo político, o de aproximar, por um laço fraternal, as diversas tribos inimigas, reunindo-as num comum sentimento de piedade, num mesmo lugar consagrado.

Do ponto de vista histórico, a religião muçulmana admite o Antigo Testamento por inteiro, até Jesus-Cristo, inclusive, que reconhece como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus eram enviados de Deus para ensinar a verdade aos homens; o Evangelho, assim como a lei do Sinai, é a palavra de Deus; mas os cristãos lhe alteraram o sentido. Declara, em termos explícitos, que não traz crenças novas, nem culto novo, mas que vem restabelecer o culto do Deus único professado por Abraão. Só fala com respeito dos patriarcas e dos profetas que o precederam: Moisés, Davi, Isaías, Ezequiel e Jesus-Cristo; do Pentateuco, dos Salmos e do Evangelho. São os livros que precederam e prepararam o Alcorão. Longe de ocultar os empréstimos que lhes faz, disto se vangloria, e a grandeza deles é o fundamento da sua. Pode-se julgar de seus sentimentos e do caráter de suas instruções pelo fragmento seguinte do último discurso que pronunciou em Meca, quando da peregrinação do adeus, pouco antes de sua morte, e conservado na obra de Ibn-Ishâc e de Ibn-Ishâm:

“Ó povos! escutai minhas palavras, pois não sei se, no próximo ano, poderei encontrar-me ainda convosco neste lugar. Sede humanos e justos entre vós. Que a vida, a propriedade de cada um sejam invioláveis e sagradas para os outros; que aquele que recebeu um depósito o devolva fielmente àquele que o confiou. Comparecereis diante do Senhor e ele vos pedirá contas de vossas ações. Tratai bem as mulheres; elas são vossas auxiliares e nada podem por si sós. Vós as tomastes como um bem que Deus vos confiou e delas tomastes posse por palavras divinas.

“Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Eu vos revelei tudo; deixo-vos uma lei que vos preservará para sempre do erro, se a ela vos manterdes ligados fielmente; uma lei clara e positiva, o livro de Deus e o exemplo de seu profeta.

“Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Sabei que todo muçulmano é irmão do outro; que todos os muçulmanos são irmãos entre si, que sois todos iguais entre vós e que sois apenas uma família de irmãos. Guardai-vos da injustiça; ninguém deve cometê-la em detrimento de seu irmão: ela ocasionará a vossa perda eterna.

“Ó Deus! Dei meu recado e terminei minha missão? – A multidão que o cercava respondeu: ‘Sim, tu a concluíste.’ E Maomé exclamou: Ó Deus, digna-te receber este testemunho!”

Eis agora o julgamento de Maomé e da influência de sua doutrina, feito por um de seus historiógrafos, o Sr. G. Weil, em sua obra alemã intitulada: *Mohammed der Prophet*, às páginas 400 e seguintes:

“A doutrina de Deus e dos santos destinos do homem, pregada por Maomé num país que estava entregue à mais brutal idolatria, e que da imortalidade da alma apenas fazia uma idéia, tanto mais nos deve reconciliar com ele, apesar de suas fraquezas e de suas faltas, quanto sua vida particular não podia exercer sobre os seus adeptos nenhuma influência prejudicial. Longe de se dar jamais por modelo, ele queria sempre que o olhassem como um ser privilegiado, a quem Deus permitia pôr-se acima da lei comum. E, de fato, ele foi cada vez mais considerado sob essa luz especial.

“Seríamos injustos e cegos se não reconhecêssemos que seu povo lhe deve ainda outra coisa de verdadeiro e de bom. Ele reuniu numa só grande nação, crente fraternalmente em Deus, as inumeráveis tribos árabes, até então inimigas entre si. Em lugar do mais violento arbítrio, do direito da força e da luta individual, ele

estabeleceu um direito inquebrantável que, a despeito de suas imperfeições, forma sempre a base de todas as leis do islamismo. Limitou a vingança do sangue que, antes dele, se estendia até os parentes mais afastados e a limitou àquele que os juízes reconhecessem por assassino. Mereceu bem sobretudo do belo sexo, não só protegendo as meninas contra o atroz costume que muitas vezes as imolavam por seus pais; mas, além disso, protegendo as mulheres contra os parentes de seus maridos, que as herdavam como coisas materiais, protegendo-as contra os maus-tratos dos homens. Restringiu a poligamia, não permitindo aos crentes senão quatro mulheres legítimas, em vez de dez, como era uso, principalmente em Medina. Sem ter emancipado inteiramente os escravos, foi bom e útil para eles de várias maneiras. Para os pobres, não só recomendou sempre a beneficência para com eles, mas estabeleceu formalmente um imposto em seu favor e lhes concedeu uma parte especial no espólio e no tributo. Proibindo o jogo, o vinho e todas as bebidas inebriantes, preveniu muitos vícios, muitos excessos, muitas querelas e muitas desordens.

“Embora não consideremos Maomé como um verdadeiro profeta, porque, para propagar sua religião empregou meios violentos e impuros; porque ele próprio foi muito fraco para se submeter à lei comum; e porque se dizia o selo dos profetas, declarando que Deus sempre podia substituir o que ele havia dado por algo de melhor, teve, não obstante, o mérito de ter feito penetrar as mais belas doutrinas do Antigo e do Novo Testamento num povo que não era esclarecido por nenhum raio da fé; nessa qualidade deve parecer, mesmo a olhos não maometanos, como um enviado de Deus.”

Como complemento deste estudo, citaremos algumas passagens textuais do Alcorão, tomadas da tradução de Savary:

Em nome de Deus clemente e misericordioso. – Louvor a Deus, soberano dos mundos. – A misericórdia é a sua partilha. – Ele é o rei no dia do juízo. – Nós te adoramos, Senhor, e imploramos a tua assistência. – Dirige-nos

na senda da salvação – na senda dos que cumulaistes com os teus beneficios; – dos que não mereceram a tua cólera e se preservaram do erro. (*Introdução*, Surata I).

Ó mortais, adorai o Senhor que vos criou, vós e vossos pais, a fim de que o temais; que vos deu a terra por leito e o céu por teto; que fez descer a chuva dos céus para produzir todos os frutos de que vos alimentais. Não deis sócio ao Altíssimo; vós o sabeis. (Surata II, v. 19 e 20).

Por que não credes em Deus? Estáveis mortos, ele vos deu a vida; ele extinguirá vossos dias e lhes acenderá o facho. Voltareis a ele. – Ele criou para vosso refúgio tudo que há sobre a Terra. Voltando depois seu olhar para o firmamento, formou os sete céus. É ele cuja ciência abarca o Universo. (Surata II, v. 26, 27).

O Oriente e o Ocidente pertencem a Deus; para qualquer lugar que se voltem vossos olhos, encontrareis sua face. Ele enche o Universo com a sua imensidade e com a sua ciência. – Ele formou a Terra e os céus. Quer produzir alguma obra? diz: “Seja feita”; e a obra está feita. – Os ignorantes dizem: “Se Deus não nos fala e se não nos fazes ver um milagre, não cremos.” Assim falavam seus pais; seus corações são semelhantes. Fizemos brilhar bastantes prodígios para os que têm fé. (Surata II, v. 109 a 112).

Deus não exigirá de cada um de nós senão conforme as suas forças. Cada um terá em seu favor suas boas obras e contra si o mal que houver feito. Senhor, não nos castigues por faltas cometidas por esquecimento. Perdoa nossos pecados; não nos imponhas o fardo que carregaram os nossos pais. Não nos carregues acima de nossas forças. Faze brilhar para os teus servos o perdão e a indulgência. Tem compaixão de nós; és o nosso socorro. Ajuda-nos contra as nações infieis. (Surata II, v. 286).

Ó Deus, rei supremo, das e tiras à vontade as coroas e o poder. Elevas e rebaixas os humanos à tua vontade; o bem está em tuas mãos: tu és o Todo-Poderoso. – Mudas o dia em noite e a noite em dia. Fazes sair a vida do seio da morte e a morte do seio da vida. Derramas teus tesouros infinitos sobre quem te apraz. (Surata III, v. 25 e 26).

Ignorais quantos povos fizemos desaparecer da face da Terra? Nós lhes havíamos dado um império mais estável que o vosso. Mandávamos as nuvens derramar a chuva sobre os seus campos; aí fazíamos correrem os rios. Só os seus crimes causaram a sua ruína. Nós os substituímos por outras nações. (Surata VI, v. 6).

É a Deus que deveis o sono da noite e o despertar da manhã. Ele sabe o que fazeis durante o dia. Ele vos deixa realizar o percurso da vida. *Reaparecereis* diante dele e ele vos mostrará as vossas obras. – Ele domina os seus servos. Ele vos dá como guardas anjos encarregados de terminar vossos dias no momento prescrito. Eles executam cuidadosamente a ordem do céu. – *Voltareis* em seguida diante do Deus da verdade. Não é a ele que compete julgar? Ele é o mais exato dos juízes. – Quem vos livra das tribulações da terra e dos mares, quando, invocando-o em público ou no íntimo de vossos corações, exclamais: “Senhor, se afastares de nós esses males, nós te seremos reconhecidos?” – É Deus que deles vos livra. É sua bondade que vos alivia da pena que vos oprime; e depois voltais à idolatria. (Surata VI, v. 60 a 64).

Todos os segredos são desvendados aos seus olhos; é grande o Altíssimo. – Aquele que fala em segredo, aquele que fala em público, o que se envolve nas sombras da noite e o que aparece em pleno dia, lhes são igualmente conhecidos. – É ele quem faz brilhar o raio aos vossos olhos para vos inspirar o temor e a esperança. É ele quem eleva as nuvens carregadas de chuva. – O trovão celebra seus louvores. Os anjos tremem em sua presença. Ele lança o raio e este fere as vítimas marcadas. Os homens rivalizam com Deus, mas ele é o forte e o poderoso. – Ele é a verdadeira invocação. Os que imploram outros deuses não serão atendidos. Assemelham-se ao viajante que, premido pela sede, estende a mão para a água que não pode alcançar. A invocação dos infieis se perde na noite do erro. (Surata XIII, v. 10 a 15).

Jamais digas: “Farei isto amanhã”, sem acrescentar: “Se for da vontade de Deus.” Eleva a ele o teu pensamento, quando tiveres esquecido alguma coisa, e dize: “Talvez ele me esclareça e me faça conhecer a verdade.” (Surata XVIII, v. 23).

Se as ondas do mar se transmudassem em tinta para descrever os louvores do Senhor, seriam esgotadas antes de ter celebrado todas as suas maravilhas. Um outro oceano semelhante ainda não bastaria. (Surata XVIII, v. 109).

Aquele que busca a verdadeira grandeza a encontra em Deus, fonte de todas as perfeições. Os discursos virtuosos sobem ao seu trono. Ele exalta as boas obras; pune rigorosamente o celerado que trama perfídias.

Não, o céu jamais revoga o decreto que ele pronunciou. – Não percorreram a Terra? não viram que ela foi o fim deplorável dos povos que, antes deles, marcharam nos caminhos da iniquidade? Esses povos eram mais fortes e mais poderosos do que eles. Mas nada nos céus e na Terra pode opor-se às

vontades do Altíssimo. A ciência e a força são seus atributos. – Se Deus punisse os homens desde o instante em que se tornam culpados, não restaria sobre a Terra um ser animado. Ele adia os castigos até ao termo marcado. – Quando chegar o tempo, ele distingue a ação de seus servidores. (Surata XXXV, v. 11, 41 a 45).

Bastam estas citações para mostrar o profundo sentimento de piedade que animava Maomé e a idéia grande e sublime que fazia de Deus. O Cristianismo poderia reivindicar este quadro.

Maomé não ensinou o dogma da fatalidade absoluta, como geralmente se pensa. Esta crença, de que estão imbuídos os muçulmanos, e que paralisa sua iniciativa em muitas circunstâncias, não passa de falsa interpretação e falsa aplicação do princípio da submissão à vontade de Deus, levado além dos limites racionais; não compreendem que esta submissão não exclui o exercício das faculdades humanas, e lhes falta como corretivo a máxima: Ajuda-te, e o céu te ajudará.

As passagens seguintes tratam de pontos particulares da doutrina:

Deus tem um filho, dizem os cristãos. Longe dele esta blasfêmia! Tudo o que está no céu e na Terra lhe pertencem. Todos os seres obedecem à sua voz. (Surata II, v. 110).

Ó vós que recebestes as Escrituras, não ultrapasseis os limites da fé; não digais de Deus senão a verdade. Jesus é filho de Maria, o enviado do Altíssimo e o seu Verbo. Ele o fez descer no seio de Maria; ele é seu sopro. Crede em Deus e em seus apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é uno: esta crença vos será mais segura. Longe de ter um filho, ele governa só o céu e a Terra; ele se basta a si mesmo. – O Messias não corará por ser o servo de Deus, assim como os anjos que cercam o seu trono e lhe obedecem. (Surata IV, v. 169, 170).

Os que sustentam a trindade de Deus são blasfemos; não há senão um só Deus. Se não mudarem de crença, um doloroso suplício será o prêmio de sua impiedade. (Surata V, v. 77).

Os judeus dizem que Ozaï é filho de Deus. Os cristãos dizem a mesma coisa do Messias. Falam como os infieis que os precederam. O céu punirá suas blasfêmias. Eles chamam senhores aos seus pontífices, seus monges, e o Messias filho de Maria. Mas lhes é recomendado servir a um só Deus: não há outro. Anátema sobre os que eles associam ao seu culto (Surata IX, v. 30, 31).

Deus não tem filhos; não partilha o império com outro Deus. Se assim fosse, cada um deles quereria apropriar-se de sua criação e elevar-se acima de seu rival. Louvor ao Altíssimo. Longe dele essas blasfêmias! (Surata XXII, v. 93).

Declara, ó Maomé, o que o céu te revelou. – A assembléia os gênios, tendo escutado a leitura do Alcorão, exclamou: “Eis uma doutrina maravilhosa. – Ela conduz à verdadeira fé e não damos uma igual a Deus. – Glória à sua Majestade suprema! Deus não tem esposa; ele não gerou. (Surata LXXII, v. 1 a 4).

Dizei: “Cremos em Deus, no livro que nos enviou, no que foi revelado a Abraão, Ismael, Isaac, Jacob e às doze tribos. Cremos na doutrina de Moisés, de Jesus e de seus profetas; não fazemos nenhuma diferença entre eles e somos muçulmanos.” (Surata II, v. 130).

Não há senão o Deus vivo e eterno. – Ele te enviou o livro que encerra a verdade, para confirmar a verdade das Escrituras que o precederam. Antes dele, fez descer o Pentateuco e o Evangelho, para servirem de guias aos homens; enviou o Alcorão dos céus. – Os que negarem a doutrina divina só devem esperar suplícios; Deus é poderoso e a vingança está em suas mãos. (Surata III, v. 1, 2, 3).

Há os que dizem: “Juramos a Deus não crer em nenhum outro profeta, a menos que a oferenda que ele apresenta seja confirmada pelo fogo do céu.” – Responde-lhes: “Tínheis profetas antes de mim; eles operaram milagres e aquele mesmo de que falais. Por que, então, manchastes as vossas mãos com seu sangue, se dizeis a verdade?” – Se negam a tua missão, trataram do mesmo modo os apóstolos que te precederam, embora fossem dotados do dom dos milagres e tivessem trazido o livro que esclarece (O Evangelho) e o livro dos salmos. (Surata III, v. 179 a 181).

Nós te inspiramos, como inspiramos Noé, os profetas, Abraão, Ismael, Isaac, Jacob, as tribos, Jesus, Job, Jonas, Aarão e Salomão. Nós demos os salmos de Davi. (Surata IV, v. 161).

Em muitas outras passagens Maomé fala no mesmo sentido e com o mesmo respeito dos profetas, de Jesus e do Evangelho. Mas é evidente que se equivocou quanto ao sentido ligado à Trindade e à qualidade de Filho de Deus, que toma ao pé da letra. Se esse mistério é incompreensível para tantos cristãos, e se entre estes suscitou tantos comentários e controvérsias, não é de admirar que Maomé não o tenha compreendido. Nas três pessoas da Trindade ele viu três deuses e não um só em três pessoas distintas; no filho de Deus ele viu uma procriação. Ora, a idéia que ele fazia do ser supremo era tão grande que a menor paridade entre Deus e um ser qualquer e a idéia de que pudesse partilhar o seu poder lhe parecia uma blasfêmia. Não se tendo Jesus jamais apresentado como Deus e não tendo falado da Trindade, esses dogmas lhe pareceram uma derrogação das próprias palavras do Cristo. Ele viu em Jesus e no Evangelho a confirmação do princípio da unidade de Deus, objetivo que ele mesmo perseguia. Eis por que os tinha em grande estima, ao passo que acusava os cristãos por se terem afastado deste ensinamento, fracionando Deus e deificando o seu Messias. Por isso se diz enviado depois de Jesus, para reconduzir os homens à unidade pura da divindade. Toda a parte dogmática do Alcorão repousa nesse princípio, que ele repete a cada passo.

Tendo suas raízes no Antigo e no Novo Testamento, o Islamismo é uma derivação deles. Pode-se considerá-lo como uma das numerosas seitas nascidas das dissidências que surgiram desde a origem do Cristianismo, no que respeita à natureza do Cristo, com a diferença que o Islamismo, formado fora do Cristianismo, sobreviveu à maioria dessas seitas e conta hoje cem milhões de sectários.

Maomé vinha combater com todo rigor, na sua própria nação, a crença em vários deuses, para aí restabelecer o culto abandonado do Deus único de Abraão e de Moisés; o anátema que lançou contra os infiéis e os ímpios tinha por objeto,

principalmente, a grosseira idolatria professada pelos de sua raça, mas, em contrapartida, também feria os cristãos. Tal a causa do desprezo dos muçulmanos por tudo quanto leva o nome de cristão, malgrado seu respeito por Jesus e pelo Evangelho. Esse desprezo se transformou em ódio sob a influência do fanatismo alimentado e superexcitado por seus sacerdotes. Digamos, também, que, por seu lado, os cristãos não estão isentos de censura e que eles mesmos alimentaram este antagonismo por suas próprias agressões.

Conquanto censurasse os cristãos, Maomé não tinha por eles sentimentos hostis e no próprio Alcorão recomenda respeito para com eles, mas o fanatismo os englobou na proscricção geral dos idólatras e dos infiéis, cuja presença não deve macular os santuários do islamismo, razão por que a entrada nas mesquitas, em Meca e nos lugares santos lhes é interdita.²³ Deu-se o mesmo em relação aos judeus, e se Maomé os castigou rudemente em Medina, foi por se haverem coligado contra ele. Aliás, em parte alguma no Alcorão se encontra a exterminação dos judeus e dos cristãos instituída como um dever, como geralmente se crê. Seria, pois, injusto imputar-lhe os males causados por um zelo ininteligente e pelos excessos de seus sucessores.

Nós te inspiramos a abraçares a religião de Abraão, que reconhece a unidade de Deus e que só adora a sua majestade suprema. – Emprega a voz da sabedoria e da força da persuasão para chamar os homens a Deus. Combate com as armas da eloquência. Deus conhece perfeitamente os que estão transviados e os que marcham à luz da fé. (Surata XVI, v. 124, 126).

Se te acusam de impostura, responde-lhes: “Tenho por mim as minhas obras; que as vossas falem em vosso favor. Não sereis responsáveis pelo que faço e eu sou inocente pelo que fazeis.” (Surata X, v. 42).

23 **N. do T.:** Esta medida já foi liberalizada, pelo menos no Egito, onde qualquer cidadão pode visitar suas mesquitas sem ser molestado, desde que aí entre descalço e guarde atitude respeitosa.

Quando se cumprirão tuas ameaças? perguntam os infiéis. Marcamos um termo, se és verídico. Responde-lhes: “Os tesouros e as vinganças celestes não estão em minhas mãos; só Deus é o seu dispensador. Cada nação tem o seu termo fixado; ela não poderia apressá-lo ou retardá-lo um instante.” (Surata X, v. 49, 50).

Se negam a tua doutrina, sabe que os profetas vindos antes de ti sofreram a mesma sorte, embora os milagres, a tradição e o livro que esclarece (o Evangelho) atestassem a verdade de sua missão. (Surata XXXV, v. 23).

A cegueira dos infiéis te surpreende e eles riem de teu assombro. – Em vão tu queres instruí-los: seu coração rejeita o ensino. – Se vissem milagres, zombariam; – eles o atribuiriam à magia. (Surata XXXVII, v. 12 a 15).

Estas não são ordens de um Deus sanguíneo, que ordena o extermínio. Maomé não se faz o executor de sua justiça; seu papel é o de instruir. Só a Deus cabe punir ou recompensar neste mundo e no outro. O último parágrafo parece escrito para os espíritas de nossos dias, tanto são os homens os mesmos, sempre e por toda parte.

Fazei a prece, dai esmolas; o bem que fizerdes encontrareis junto a Deus, porque ele vê vossas ações. (Surata II, v. 104).

Para ser justificado não basta virar o rosto para o oriente e para o ocidente; também é preciso crer em Deus, no juízo final, nos anjos, no Alcorão, nos profetas. É preciso pelo amor de Deus socorrer o próximo, os órfãos, os pobres, os viajantes, os cativos e os que demandam. É preciso fazer a prece, guardar sua promessa, suportar pacientemente a adversidade e os males da guerra. Tais os deveres dos verdadeiros crentes. (Surata II, v. 172).

Uma palavra honesta e o perdão das ofensas são preferíveis à esmola que resultasse da injustiça. Deus é rico e clemente. (Surata II, v. 265).

Se vosso devedor tem dificuldade em vos pagar, concedei-lhe tempo; ou, se quiserdes fazer melhor, perdoai-lhe a dívida. Se soubésseis! (Surata II, v. 280).

A vingança deve ser proporcional à injúria; mas o homem generoso que perdoa tem sua recompensa assegurada junto a Deus, que odeia a violência. (Surata XLII, v. 38).

Combatei vossos inimigos na guerra empreendida pela religião, mas não ataqueis primeiro; Deus odeia os agressores. (Surata II, v. 186).

Certamente os muçulmanos, os judeus, os cristãos e os sabeístas, que crêem em Deus e no juízo final, e que *fizeram o bem*, receberão a recompensa de suas mãos; estarão isentos do temor e dos suplícios. (Surata V, v. 73).

Não façais violência aos homens por causa de sua fé. A estrada da salvação é bem distinta do caminho do erro. Aquele que abjurar o culto dos ídolos pela religião santa terá agarrado uma coluna inabalável. O senhor sabe e ouve tudo. (Surata II, v. 257).

Não disputeis com os judeus e os cristãos senão em termos *honestos e moderados*. Entre eles confundi os ímpios. Dizei: Nós cremos no livro que nos foi revelado e em vossas escrituras. Nosso Deus e o vosso são apenas um. Somos muçulmanos. (Surata XXIX, v. 45).

Os cristãos serão julgados conforme o Evangelho; os que os julgarem de outro modo serão prevaricadores. (Surata V, v. 51).

Nós demos o Pentateuco a Moisés. É à sua luz que deve marchar o povo hebreu. *Não duvideis de encontrar no céu o guia dos israelitas*. (Surata XXXII, v. 23).

Se os judeus tivessem a fé e o temor do Senhor, nós apagaríamos os seus pecados; introduzi-los-íamos no jardim das delícias. A observação do Pentateuco, do Evangelho e dos preceitos divinos proporcionar-lhes-ia o gozo de todos os bens. Há entre eles os que marcham no bom caminho, mas em sua maioria são ímpios. (Surata V, v. 70).

Dize aos judeus e aos cristãos: “Terminemos nossas diferenças; admitamos apenas um Deus e não lhe demos um igual; que nenhum de nós tenha outro Senhor senão ele.” Se recusarem obedecer, dizei-lhes: “Pelo menos dareis testemunho que, quanto a nós, somos crentes.” (Surata III, v. 57).

Eis certas máximas de caridade e de tolerância, que gostaríamos de ver em todos os corações cristãos!

Nós te enviamos a um povo, que outros povos precederam, para que lhes ensines as nossas revelações. Eles não crêem nos misericordiosos. Dizei-lhes: “Ele é meu Senhor; não há Deus senão ele. Pus minha confiança em sua bondade. *Reaparecerei* diante de seu tribunal. (Surata XIII, v. 29).

Trouxemos aos homens um livro no qual brilha a ciência que deve esclarecer os fiéis e lhes proporcionar a misericórdia divina. – Esperam eles a realização do Alcorão? No dia em que for cumprido, os que tiverem vivido no esquecimento de suas máximas dirão: “Os ministros do Senhor nos pregavam a verdade. Onde encontraremos agora intercessores? Que esperança teremos de *voltar à Terra* para nos corrigirmos?” Eles perderam suas almas e suas ilusões desapareceram. (Surata VII, v. 50, 51).

A palavra *voltar* implica a idéia de já ter aparecido, isto é, de ter vivido antes da existência atual. Maomé o exprime claramente quando diz alhures: “*Reaparecereis* diante dele e ele vos mostrará as vossas obras. *Voltareis* diante do Deus de verdade.” É o fundo da doutrina da preexistência da alma, ao passo que, segundo a Igreja, a alma é criada ao nascer de cada corpo. A pluralidade das existências terrestres não está indicada no Alcorão de maneira tão explícita quanto no Evangelho; entretanto, a idéia de reviver na Terra entrou no pensamento de Maomé, pois tal seria, segundo ele, o desejo dos culpados de se corrigirem. Assim ele compreendeu que seria útil poder recomeçar uma nova existência.

Quando se lhes pergunta: Credes no que Deus enviou do céu? Eles respondem: “Cremos nas escrituras que recebemos.” E repelem o livro verdadeiro, vindo depois, para pôr o *selo* em seus livros sagrados. Dizei-lhes: “Por que matastes os profetas se tínheis fé?” (Surata II, v. 85).

Maomé não é o pai de nenhum de vós. É o enviado de Deus e o *selo* dos profetas. A ciência de Deus é infinita. (Surata XXXIII, v. 40).

Dando-se como o *selo* dos profetas, Maomé anuncia que é o último, a conclusão, porque disse toda a verdade; depois dele não virão outros. É um artigo de fé entre os muçulmanos. Do ponto de vista puramente religioso, ele caiu no erro de todas as religiões que se julgam inamovíveis, mesmo contra o progresso das ciências; mas para ele era quase uma necessidade, a fim de afirmar a autoridade de sua palavra num povo que lhe havia criado tanta dificuldade para converter à sua fé. Do ponto de vista social era um erro, porque o Alcorão, tanto como legislação civil quanto religiosa, pôs um freio no progresso. Tal a causa que tornou, e ainda tornará

por muito tempo, os povos muçulmanos estacionários e refratários às inovações e às reformas que não se acham no Alcorão. É um exemplo do inconveniente que há em confundir o que deve ser distinto. Maomé não levou em conta o progresso humano. É um erro comum a quase todos os reformadores religiosos. Por outro lado, não só era preciso reformar a fé, mas o caráter, os usos, os hábitos sociais de seus povos; era-lhe necessário apoiar suas reformas na autoridade da religião, como o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A dificuldade era grande, sem dúvida; contudo, ele deixa uma porta aberta à interpretação e às modificações, dizendo que “Deus sempre pode substituir o que deu por algo de melhor.”

Não vos é permitido desposar vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, vossas tias paternas e maternas, vossas sobrinhas, vossas irmãs de leite, as mães de vossas esposas, as meninas confiadas à vossa tutela e filhas de mulheres com as quais tendes coabitado. Não desposeis, também, as filhas dos vossos filhos que tiverdes gerado, nem duas irmãs. É-vos proibido desposar mulheres casadas, exceto as que caírem em vossas mãos como escravas. (Surata IV, v. 27 e seg.).

Estas prescrições podem dar uma idéia da desmoralização destes povos. Para ser obrigado a proibir tais abusos, era preciso que existissem.

Esposas do Profeta, ficai no interior de vossas casas. Não vos adorneis faustosamente, como nos dias de idolatria. Fazei a prece e dai esmola. Obedecei a Deus e a seu apóstolo. Ele quer afastar o vício de vossos corações. Sois da família do Profeta e deveis ser puras. – Zeid repudiou a sua esposa. Nós te unimos com ela, para que os fiéis tenham a liberdade de desposar as mulheres de seus filhos adotivos, após o repúdio. O preceito divino deve ter sua execução. – Ó Profeta, a ti é permitido desposar as mulheres que tiveres adotado, as cativas que Deus fez cair em tuas mãos, as filhas de teus tios e de tuas tias que fugiram contigo, e toda mulher fiel que te der seu coração. É um privilégio que nós te concedemos. – Não aumentarás o atual número de tuas esposas; não poderás trocá-las por outras cuja beleza te haja tocado. Mas a convivência com tuas mulheres escravas te é sempre permitida. Deus observa tudo. (Surata XXXIII, v. 37, 49, 52).

É aqui que Maomé realmente desce do pedestal sobre o qual havia subido. Lamenta-se vê-lo cair tão baixo depois de se haver elevado tanto, e fazer Deus intervir para justificar os privilégios que se concedia, para a satisfação de suas paixões. Permitia aos crentes quatro mulheres legítimas, enquanto a si mesmo se permitia treze. O legislador deve ser o primeiro súdito das leis que faz. É uma mancha inapagável, que lançou sobre si e sobre o islamismo.

Esforçai-vos por merecer a indulgência do Senhor e a posse do paraíso, cuja extensão iguala os céus e a Terra, morada preparada para os justos – aqueles que dão esmola na prosperidade e na adversidade, e que, senhores dos movimentos de sua cólera, sabem perdoar aos seus semelhantes. Deus ama a beneficência. (Surata III, v. 127, 128).

Deus prometeu aos fiéis que houverem praticado a virtude a entrada dos jardins onde os rios correm. Aí habitarão eternamente. As promessas do Senhor são verdadeiras. Que de mais infalível que sua palavra? (Surata IV, v. 121).

Eles habitarão eternamente a morada que Deus lhes preparou, os jardins de delícias regados pelos rios, lugares onde reinará a soberana beatitude. (Surata IX, v. 90).

Os jardins e as fontes serão a partilha dos que temem o Senhor. Entrarão com a paz e a segurança. – Tiraremos a inveja de seus corações. Repousarão em leitos e terão uns para com os outros uma benevolência fraterna. – A fadiga não se acercará da morada das delícias. Não arrebatarão sua posse. (Surata XV, v. 45 a 48).

Os jardins do Éden serão a habitação dos justos. Braceletes de ouro, ornados de pérolas e roupas de seda formarão sua indumentária. – Louvores a Deus, exclamarão eles; ele afastou de nós o sofrimento; ele é misericordioso e compassivo. – Introduziu-nos no palácio eterno, morada de sua magnificência. Nem a fadiga nem a dor se acercam deste asilo. (Surata XXXV, v. 30, 31, 32).

Os habitantes do paraíso beberão a longos sorvos na taça da felicidade. – Deitados em leitos de seda, repousarão junto às suas esposas, em sombras deliciosas. – Encontrarão todos os frutos. Todos os seus desejos serão satisfeitos. (Surata XXXVI, v. 55, 56, 57).

Os verdadeiros servos de Deus terão um alimento escolhido – frutos delicados e serão servidos com honra. – Os jardins das delícias serão seu asilo. – Cheios de mútua benevolência, repousarão em poltronas. – Oferecer-lhes-ão taças de água pura – límpida e de gosto delicioso – que não lhes obscurecerá a razão nem os embriagará. – Perto deles estarão virgens de olhar recatado, de grandes olhos negros e cuja tez terá a cor dos ovos de avestruz. (Surata XXXVII, v. 39 a 47).

Dir-se-á aos crentes que tiverem professado o islamismo: Entrai no jardim das delícias, vós e vossas esposas; abri vossos corações à alegria. – Dar-lhes-ão a beber em taças de ouro. O coração encontrará nessa morada tudo quanto pode desejar, o olho tudo quanto o pode encantar e os prazeres serão eternos. – Eis o paraíso, cuja posse vos proporcionarão vossas obras. – Alimentai-vos dos frutos que ali crescem em abundância. (Surata XLIII, v. 69 a 72).

Tal é o famoso paraíso de Maomé, com o qual tanto se divertiram e que, certamente, não procuraremos justificar. Apenas diremos que estava em harmonia com os costumes desses povos e que devia afagá-los muito mais que a perspectiva de um estado puramente espiritual, por mais esplêndido que fosse, porque eram demasiado materiais para o compreender e lhe apreciar o valor. Precisavam de algo mais substancial e pode-se dizer que foram servidos na medida do possível. Sem dúvida se notará que os rios, as fontes, os frutos abundantes e as sombras aí representam grande papel, por faltarem sobretudo aos habitantes do deserto. Os leitos macios e as roupas de seda, para gente habituada a dormir no chão e vestida com grosseiras peles de camelo, também deviam ter grande atrativo. Por mais ridículo que tudo isto nos pareça, pensemos no meio em que vivia Maomé e não o censuremos muito, pois, com o auxílio deste atrativo, ele soube tirar um povo da barbárie e dele fazer uma grande nação.

Num próximo artigo examinaremos como o islamismo poderá ligar-se à grande família da humanidade civilizada.

Sonambulismo Mediúnico Espontâneo

A última sessão da Sociedade Espírita de Paris, antes das férias, foi uma das mais notáveis do ano, quer pelo número e pelo alcance das comunicações aí obtidas, quer pela produção de um fenômeno espontâneo de sonambulismo mediúnico. Por volta da metade da sessão, o Sr. Morin, membro da Sociedade e um dos médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a influência dos Espíritos, o que jamais lhe acontecera. Então falou com ardor, com eloqüência, sobre um assunto de alta gravidade e do maior interesse, do qual nos ocuparemos posteriormente.

A sessão de reabertura de sexta-feira, 5 de outubro, apresentou um fenômeno análogo, mas em mais largas proporções. Havia à mesa treze médiuns. Durante a primeira parte, dois deles, a Sra. C... e o Sr. Vavasseur, adormeceram sob a influência dos Espíritos, como havia ocorrido com o Sr. Morin, sem qualquer provocação e sem que ninguém nisto tivesse pensado. O Sr. Vavasseur é o médium poeta, que com a maior facilidade obtém poesias notáveis, das quais publicamos algumas amostras. O Sr. Morin estava a ponto de adormecer também. Ora, eis o que se passou durante o seu sono, que durou quase uma hora.

O Sr. Vavasseur, com voz grave e solene, disse: “Toda vontade, toda ação magnética é e deve ficar estranha a este fenômeno. Ninguém deve falar à minha irmã, nem a mim.” Falando de sua irmã, designava a Sra. C..., isto é, irmã espiritual, já que não são parentes. Depois, dirigindo-se ao Sr. Morin, colocado no outro extremo da mesa, e estendendo a mão para ele com um gesto imperativo: “Proíbo-te de dormir.” O Sr. Morin, com efeito, já quase adormecido, despertou por si mesmo. Além disso, foi recomendado expressamente que ninguém tocasse nos dois médiuns.

O Sr. V..., continuando: “Ah! sinto aqui uma corrente fluídica má, que me fatiga... Irmã, sofres também? – Sra. C...: Sim.

– Sr. V...: Olha! a sociedade é numerosa esta noite. Vês? – Sra. C...: Ainda não muito claramente; – Sr. V...: Quero que vejas. – Sra. C...: Oh! sim; os Espíritos são numerosos! – Sr. V...: Sim, muito numerosos; não se os contam mais!... Mas, olha à tua frente; vês um Espírito mais luminoso, de auréola mais brilhante... Parece nos sorrir com benevolência!... Dizem que é meu patrono (São Luís)... Vamos, marchemos; vamos para ele... Oh! tenho muitos erros a reparar... (dirigindo-se ao Espírito): Caro Espírito! nascendo para a vida, minha mãe me deu vosso nome. Depois, lembro-me, essa pobre mãe me dizia todos os dias: ‘Oh! meu filho, ora a Deus; ora a teu anjo-da-guarda; ora, sobretudo, a teu patrono.’ Mais tarde, esqueci tudo... tudo! A dúvida, a incredulidade me perseguiram; em meu desvario eu vos desconheci, desconheci a vontade de Deus... Hoje, caro Espírito, venho pedir-vos o esquecimento do passado e o perdão no presente!... Ó São Luís, vede minha dor e meu arrependimento, esquecei e perdoai.” (Estas últimas palavras foram ditas com uma inflexão pungente de desespero).

A Sra. C...: “Não deves chorar, irmão... São Luís te perdoa e te abençoa... Os Espíritos bons não têm ressentimento contra os que voltam atrás em seus erros. Digo-te que ele te perdoa!... Oh! este Espírito é bom!... Olha, ele nos sorri. (Levando a mão ao peito) Oh! como dói sofrer assim!”

O Sr. V...: “Ele me fala... Escuta!... Coragem, diz ele, trabalha com teus irmãos. O ano que começa será fértil em grandes acontecimentos. Em torno de vós surgirão grandes gênios, poetas, pintores, literatos. A era das artes sucede a da filosofia. Se a primeira fez prodígios, a segunda fará milagres.” (O Sr. V... exprime-se com extraordinária veemência; está no supremo grau do êxtase).

A Sra. C...: “Acalma-te, irmão; nisto pões muito ardor, e isto te faz mal; acalma-te.”

O Sr. V... (continuando): “Mas aí começa a missão de vossa Sociedade, missão muito grande e muito bela para os que a compreendem... Foco da Doutrina Espírita, deve defendê-la e propagar os seus princípios por todos os meios disponíveis. Aliás, o seu presidente saberá o que deve fazer.

“Agora irmã, ele se afasta; ainda nos sorri; diz-nos com a mão: até logo... Vamos, subamos, irmã; debes assistir a um espetáculo esplêndido, a um espetáculo que o olhar terreno jamais viu... jamais, jamais!... Sobee... sobee... eu o quero!... (Silêncio). Que vês?... Olha este exército de Espíritos!... Os poetas estão aqui e nos cercam... Oh! cantai também, cantai!... Vossos cantos são os cânticos do céu, o hino da Criação!... Cantai!... E seus murmúrios acariciam meus ouvidos... e seus acordes adormecem o meu espírito... Não ouves?...”

A Sra. C...: “Sim, ouço... Parecem dizer que com o ano espírita que se inicia, começa uma nova fase para o Espiritismo... fase brilhante, de triunfo e de alegria para os corações sinceros, de vergonha e de confusão para os orgulhosos e os hipócritas! Para estes, as decepções, o abandono, o esquecimento, a miséria; para os outros, a glorificação.”

O Sr. V...: “Eles já o disseram, e isto se confirma.”

A Sra. C...: “Oh! que festa! que magnificência! que esplendor deslumbrante! Mal pode meu olhar sustentar o seu brilho. Que suave harmonia se faz ouvir e penetra a alma!... Vê todos esses Espíritos bons que preparam o triunfo da Doutrina sob a condução dos Espíritos superiores e do grande Espírito de Verdade!... Como são resplandcentes, e quanto lhes deve custar descer para habitar um globo como o nosso! Isto é doloroso, mas faz progredir.”

O Sr. V...: “Escuta!... escuta, digo-te!”

O Sr. V... começa o improviso seguinte em versos. Era a primeira vez que fazia poesia mediúcnica verbalmente. Até então as poesias deste gênero sempre tinham sido dadas por escrito, espontaneamente.

Noite de tempestade,
Mortos rolava o mar,
Na praia sem piedade
Em lúgubre cantar!...
Uma criança pequena,
De pé sobre um rochedo
Esperava, serena,
Da aurora o brilho ledado
Para ir pela praia
Procurar sua irmã
Que do naufrágio saía,
Ou... dê-lha esta manhã.
Poderia de um alto,
Vê-la, pois, como outrora,
Sorridente e de um salto
Ouvir-lhe a voz sonora?
Mas nesta noite horrível,
Sobre as vagas inquietas,
Essa mão invisível
Que os separou tem metas
De voltar as unir?
Foi esperança vã!
Surge a aurora a sorrir,
Mas... nada, só manhã;
Nada... a triste certeza
De um barco destruído!
Nada... da onda a frieza
Levando o que é perdido.
A vaga, com mistério,
Tocava deslizando,
Em seu ágil critério,
Só abismo expressando
Que a vítima escondia,
Seu soluço a abafar,
De seu crime estaria
As ondas a exculpar

A brisa lamentosa!
 A criança a procurar,
 Pela praia, ansiosa,
 Não mais podia andar...
 Sem respirar poder,
 Coxeante... fraca... aflita...
 E mal a se suster,
 Se fizera sem dita
 E sobre a pedra quente
 De um rochedo polido,
 Faz uma prece ardente,
 Ante um desconhecido.
 E surpreso ele o vê
 Em tocante oração.
 – Oh, filho! Deus te dê
 Amor; ergue-te então!...
 Foi Deus que, por teu pranto,
 Me pôs em teu caminho
 Para acalmar-te quanto
 Eu possa com carinho!
 Na dor não te retenhas;
 Meu lar será teu lar,
 Minha família tenhas,
 Faço meu teu penar.
 Vem; fala-me, criança;
 Tem em meu peito amor,
 Bem depressa a esperança
 Lenirá tua dor.

(Dirigindo-se à Sra. C...) – “Tu o vês, ele pára!... mas deve falar ainda!... Sim, aproxima-se!... os sons tornam-se mais distintos... Ouço... ah!...”

Eu sou... o pobre perdido...
 És (dirigindo-se a Allan Kardec) o desconhecido,
 Mestre, quero-te honrar!
 Pois me viestes mostrar
 Que existe: ... Eternidade
 E... imortalidade!
 Dois nomes: Deus, que é Luz!
 O outro, alma que reluz!

E vós, meu caro amigo,
Me ofereceis abrigo,
Minha família sois
Onde tranqüilo, pois,
Vou terminar meus dias!
Amai-me! Sois meus guias!...

“Ele foge... Casimir Delavigne!... Oh! caro Espírito... ainda!... Ele foge!... Vamos, não sou bastante forte para assistir a este concerto divino... Sim, é belo demais... é bellissimo!...

A Sra. C...: “Ele falaria ainda se tivesses querido, mas tua exaltação o impediu. Eis-te alquebrado, aflito, ofegante; não podes mais falar.”

O Sr. V...: “Sim, eu o sinto; é ainda uma fraqueza (com um vivo sentimento de pesar), e devo despertar-te!... muito cedo... Por que não ficar sempre neste lugar? Por que voltar à Terra? Vamos, já que é preciso, irmã, devemos obedecer sem murmurar... Desperta, eu o quero. (A Sra C... abre os olhos). Para mim podes despertar-me agitando teu lenço. Sufoco!... ar!... ar!”

Estas palavras, e sobretudo os versos, foram ditos com uma inflexão, uma efusão de sentimento e um calor de expressão, cujas cenas mais dramáticas e mais patéticas apenas podem dar uma idéia. A emoção da assembléia era geral, porque se sentia que não era declamação, mas a própria alma desprendida da matéria que falava...

Esgotado de fadiga, o Sr. V... foi obrigado a deixar a sala e por muito tempo ficou arrasado, dominado por um sono de onde só saiu pouco a pouco, por si mesmo, sem querer que ninguém o ajudasse.

Esses fatos vêm confirmar as previsões dos Espíritos no tocante às novas formas que não tardaria a tomar a mediunidade. O estado de sonambulismo espontâneo, no qual se

desenvolve, ao mesmo tempo, a mediunidade falante e vidente, é, com efeito, uma faculdade nova, no sentido em que parece generalizar-se; é um modo particular de comunicação que tem, mais que nunca, sua razão de ser neste momento.

Aliás, este fenômeno serve muito mais de *complemento* à instrução dos Espíritos do que para a convicção dos incrédulos, que nele veriam apenas uma comédia. Só os espíritas esclarecidos o podem compreender e nele descobrir as provas da sinceridade ou da hipocrisia, como em todos os outros gêneros da mediunidade; só eles podem destacar o que é útil, deduzindo suas conseqüências para o progresso da ciência, na qual os faz penetrar mais cedo. É por isso que esses fenômenos geralmente só se produzem na intimidade, onde os médiuns não teriam nenhum interesse em simular uma faculdade inexistente e onde o embuste logo seria desmascarado.

As nuances de observação aqui são tão delicadas e sutis que requerem uma atenção contínua. Nesse estado de emancipação, a sensibilidade e a impressionabilidade são tão grandes, que a faculdade não pode desenvolver-se em todo o seu esplendor senão sob uma influência fluídica inteiramente simpática; basta *uma corrente contrária* para a alterar, como o sopro que embacia o gelo. A sensação penosa que, por isso, sente o médium, o faz dobrar-se sobre si mesmo, como a sensitiva à aproximação da mão. Sua atenção se volta, então, na direção dessa corrente desagradável; penetra o pensamento que é a sua fonte, a vê e a lê e, quanto mais a sente antipática, tanto mais ela o paralisa. Por aí se julgue do efeito que deve produzir um concurso de pensamentos hostis! Essas espécies de fenômenos também não se prestam *absolutamente* a exhibições públicas, nas quais a curiosidade é o sentimento dominante, quando não o da malevolência. Além disso, requerem das testemunhas uma excessiva prudência, porque não se deve perder de vista que, nesses momentos, a alma só se prende ao corpo por um frágil laço, e que um abalo pode causar, no mínimo,

graves desordens na economia. Uma curiosidade *indiscreta e brutal* pode acarretar as mais funestas conseqüências. Eis por que nunca se agiria com excessiva precaução.

Quando, ao começar, o Sr. V... diz que “toda vontade, toda ação magnética é e deve ficar estranha a esse fenômeno”, dá a compreender que só a ação dos Espíritos é a sua causa e que ninguém poderia provocá-la. A recomendação de não falar nem a um, nem a outro, tinha por objetivo deixá-los inteiramente no êxtase. As perguntas teriam tido por efeito deter o impulso de seus Espíritos, trazendo-os ao terra-a-terra e lhes desviando o pensamento do objetivo principal. A exaltação da sensibilidade tornava igualmente necessária a recomendação de não os tocar. O contato teria produzido uma comoção penosa e prejudicial ao desenvolvimento da faculdade.

De acordo com isto, compreende-se por que a maior parte dos homens de ciência, chamados a constatar fenômenos desse gênero, ficam decepcionados. Não é por causa de sua falta de fé, como o pretendem, que o efeito é recusado pelos Espíritos: são eles mesmos que, por suas disposições morais, produzem uma reação contrária; em vez de se colocarem nas condições do fenômeno, querem colocar o fenômeno em sua própria condição. Gostariam de aí encontrar a confirmação de suas teorias antiespiritualistas, porquanto, para eles, somente aí está a verdade, e se sentem vexados e humilhados por receberem um desmentido pelos fatos. Então nada obtêm, ou só obtêm coisas que contradizem sua maneira de ver; em vez de rever suas opiniões, preferem negar, ou dizer que é uma ilusão. E como poderia ser de outro modo entre pessoas que não admitem a espiritualidade? O princípio espiritual é a *causa* de fenômenos de uma ordem particular; buscar a sua causa fora desse princípio é buscar a causa do raio fora da eletricidade. Não compreendendo as condições especiais do fenômeno, fazem experiências sobre o paciente como se este fosse um tubo de ensaio, cheio de produtos químicos;

torturam-no como se se tratasse de uma intervenção cirúrgica, com risco de comprometer sua vida ou sua saúde.

O êxtase, que é o mais alto grau de emancipação, exige tanto mais precauções quanto, nesse estado, inebriado pelo sublime espetáculo que tem sob os olhos, o Espírito geralmente não pede senão para ficar onde está e deixar a Terra completamente; muitas vezes, até, faz esforços para romper o último laço que o prende ao corpo e, se sua razão não fosse bastante forte para resistir à tentação, deixar-se-ia ir de boa vontade. É então que se faz necessário vir em seu auxílio por uma vontade forte, tirando-o desse estado. Compreende-se que aqui não há uma regra absoluta e que é preciso conduzir-se conforme as circunstâncias.

A propósito, um de nossos amigos nos oferece interessante tema de estudo.

Outrora tinham procurado magnetizá-lo, mas inutilmente. Desde algum tempo ele cai espontaneamente em sono magnético sob a influência da mais leve causa; basta que escreva algumas linhas mediunicamente e, por vezes, uma simples conversação. Em seu sono, tem percepções e ordem mais elevada; fala com eloquência e aprofunda com lógica notável as mais sérias questões. Vê os Espíritos perfeitamente, mas sua lucidez apresenta graus diversos, pelos quais passa sucessivamente; o mais ordinário é o de um semi-êxtase. Em certos momentos exalta-se e, se experimentar uma viva emoção, o que é freqüente, exclama com uma espécie de terror, e isto muitas vezes em meio à mais interessante conversa: *Desperta-me imediatamente*, o que seria imprudente não o fazer. Felizmente, indicou-nos o meio de o despertar *instantaneamente*, e que consiste em soprar fortemente em sua frente, pois os passes magnéticos produzem um efeito muito lento, ou nulo.

Eis a explicação que nos foi dada sobre sua faculdade por um de nossos guias, com o concurso de outro médium:

“O Espírito T... é entravado em seu impulso pela prova material que escolheu. O instrumento que ele faz mover, o seu corpo, no estado atual em que se encontra, não é bastante maleável para lhe permitir assimilar os conhecimentos necessários, ou utilizar os que possui, *de moto próprio*, e no estado de vigília. Quando está adormecido o corpo, deixando de ser um entrave, apenas se torna o *porta-voz* de seu próprio Espírito, ou daqueles com os quais está em relação. A fadiga material, inerente às suas ocupações, a relativa ignorância em que sofre esta encarnação, uma vez que não sabe, em questões de ciência, senão o que a si próprio se revelou, tudo isto desaparece para dar lugar a uma lucidez de pensamento, a um alargamento do raciocínio e a uma eloquência excepcional, que são o fato do desenvolvimento anterior do Espírito. A freqüência de seus êxtases tem por objetivo tão-só habituar seu corpo a um estado que, durante certo período e para uma meta especial ulterior, poder tornar-se, de certo modo, normal. Quando ele pede para ser despertado prontamente, é que deseja realizar sua missão sem falhar. Sob o encanto dos quadros sublimes que se lhe apresentam, e do meio em que se encontra, gostaria de libertar-se dos laços terrenos e ficar definitivamente entre os Espíritos. Sua razão e seu dever, que o retêm na Terra, combatem este desejo; e de medo de se deixar dominar e de sucumbir à tentação, ele vos grita para que o desperteis.”

Devendo multiplicar-se estes fenômenos de sonambulismo mediúnic espontâneo, as instruções que precedem têm por objetivo guiar os grupos onde eles poderiam produzir-se, na observação dos fatos e de os fazer compreender a necessidade de usar da mais extrema prudência em semelhante caso. É preciso abster-se de maneira absoluta de os transformar em objeto de experimentação e de curiosidade. Os espíritas poderão aí colher grandes ensinamentos, próprios a esclarecer e a fortificar a sua fé, mas, repetimos, seriam sem proveito para os incrédulos. Os fenômenos destinados a convencer estes últimos e que se podem produzir em plena luz, são de outra ordem e, no número, alguns

terão lugar, e já se produzem, pelo menos em aparência, *fora do Espiritismo*; a palavra *Espiritismo* os horroriza. Não sendo pronunciada, será uma razão a mais para dele se ocuparem. Os Espíritos são, pois, prudentes, quando, por vezes, trocam a etiqueta.

Quanto à utilidade especial desta mediunidade, ela está na prova, de certo modo palpável, que fornece da independência do Espírito por seu isolamento da matéria. Como dissemos, as manifestações deste gênero esclarecem e fortificam a fé; põe-nos em contato mais direto com a vida espiritual. Qual é o espírita apático ou indeciso que ficaria indiferente em presença de fatos que lhe fazem, por assim dizer, tocar com o dedo a vida futura? Qual o que poderia ainda duvidar da presença e da intervenção dos Espíritos? Qual o coração bastante endurecido para não ficar comovido com o aspecto do futuro que se desdobra à sua frente, e que Deus, em sua bondade, lhe permite entrever?

Mas estas manifestações têm uma utilidade mais prática, mais atual, porque, mais que outras, serão capazes de erguer a coragem nos momentos duros que devemos atravessar. É no momento da tormenta que se será feliz por sentir junto de si protetores invisíveis; é então que se conhecerá o valor desses conhecimentos, que nos elevam acima da Humanidade e das misérias da Terra, que acalmam nossos pesares e nossas apreensões, fazendo-nos ver só o que é grande, imperecível e digno de nossas aspirações. É um socorro que Deus envia em tempo oportuno a seus fiéis servidores e aí está ainda um sinal de que os tempos marcados são chegados. Saibamos aproveitá-lo para o nosso adiantamento. Agradecemos a Deus por ter permitido que fôssemos esclarecidos a tempo e lamentemos os incrédulos por se privarem desta imensa e suprema consolação, pois a luz foi espalhada para todos. Pela voz dos Espíritos, que falam por toda a Terra, ele faz um último apelo aos endurecidos. Imploremos sua indulgência e sua misericórdia para os cegos.

Como dissemos, o êxtase é um estado superior de desprendimento, do qual o estado sonambúlico é um dos primeiros graus, mas que não implica, de modo algum, na superioridade do Espírito. O mais completo desprendimento é, seguramente, o que se segue à morte. Ora, nós vemos neste momento o Espírito conservar suas imperfeições, seus preconceitos, cometer erros, iludir-se, manifestar as mesmas tendências. É que as boas e as más qualidades são inerentes ao Espírito e não dependem das causas exteriores. As causas exteriores podem paralisar as faculdades do Espírito, que as recobra no estado de liberdade, mas são impotentes para lhe dar as que não tem. O sabor de um fruto está nele; façam o que fizerem, coloquem-no onde quiserem, se for insípido por natureza, não se tornará saboroso. Dá-se o mesmo com o Espírito. Se o desprendimento completo, depois da morte, não o torna um ser perfeito, menos ainda um desprendimento parcial.

O desprendimento extático é um estado fisiológico, indício evidente de um certo grau de adiantamento do Espírito, mas não de superioridade absoluta. As imperfeições morais, que são devidas à influência da matéria, desaparecem com essa influência, razão por que se nota, em geral, nos sonâmbulos e nos extáticos, idéias mais elevadas do que no estado de vigília; mas as que se devem à qualidade mesma do Espírito continuam a manifestar-se, algumas vezes até com menos intensidade que no estado normal. O Espírito, liberto de todo constrangimento, por vezes dá livre curso a sentimentos que, como homem, procura dissimular aos olhos do mundo.

De todas as tendências más, as mais persistentes e as que menos se confessa a si mesmo, são os vícios radicais da Humanidade: o orgulho e o egoísmo, que geram os ciúmes, as mesquinhas susceptibilidades do amor-próprio, a exaltação da personalidade, que muitas vezes se revelam no estado de sonambulismo. Não é o desprendimento que as produz, pois ele

apenas as põe a descoberto; de latentes tornam-se sensíveis em consequência da liberdade do Espírito.

Assim, não se deve esperar encontrar nenhuma espécie de infalibilidade, nem moral, nem intelectual, nos sonâmbulos e extáticos. A faculdade de que desfrutam pode ser alterada pelas imperfeições de seu Espírito. Suas palavras podem ser o reflexo de seus pensamentos e de seus sentimentos. Além disso, podem sofrer os efeitos da obsessão, tanto quanto no estado ordinário e ser, da parte dos Espíritos levianos ou mal-intencionados, joguete das mais estranhas ilusões, como o demonstra a experiência.

Seria, pois, um erro acreditar que as visões e revelações do êxtase só possam ser a expressão da verdade. Como todas as outras manifestações, é preciso submetê-las ao cadinho do bom-senso e da razão, levar em conta o bem e o mal, o que é racional do que é ilógico. Se essas espécies de manifestações se multiplicam, é menos com o objetivo de nos dar revelações extraordinárias do que para nos fornecer novos assuntos de estudo e de observação sobre as faculdades e as propriedades da alma, e nos dar uma nova prova de sua existência e de sua independência da matéria.

Considerações sobre a Propagação da Mediunidade Curadora

(Vide o artigo do mês anterior sobre o zuavo curador)

Antes de mais, devemos fazer algumas retificações em nosso relatório das curas do Sr. Jacob. Sabemos por este último que a cura da menina, chegada a Ferté-sous-Jouarre, não se deu em praça pública; é certo que foi lá que o Sr. Jacob a viu, mas a cura ocorreu em casa de seus pais, onde ele a fez entrar. Isto em nada altera o resultado; mas esta circunstância dá à ação um caráter menos excêntrico.

Por seu lado, o Sr. Boivinet nos escreve: “A respeito da proporção dos doentes curados, eu quis dizer que sobre 4.000, um quarto não experimentou resultados, e que do resto, ou 3.000, um quarto foi curado e três quartos aliviados. De uma outra passagem do artigo poder-se-ia pensar que eu tenha atestado a cura de membros anquilosados; eu quis dizer que o Sr. Jacob tinha endireitado membros enrijecidos, rígidos como se estivessem anquilosados, nada mais, o que não quer dizer que ele não tenha curado anquiloses; apenas o ignoro. Quanto aos membros enrijecidos por dores, paralisando em parte a faculdade do movimento, constatei em último lugar três casos de cura instantânea; no dia seguinte um dos doentes estava completamente curado; o outro tinha liberdade de movimento, persistindo uma dor residual com a qual, dizia-me ele, acomodar-se-ia para sempre de boa vontade. Não revi o terceiro doente.”

Teria sido deveras surpreendente que o diabo não tivesse vindo meter-se neste negócio. Outra pessoa nos escreve de uma das localidades onde se espalhou o ruído das curas do Sr. Jacob: “Aqui, grande emoção na comuna e no presbitério. A serva do sr. cura, tendo encontrado duas vezes o Sr. Jacob na única rua da região, está convicta de que ele é o diabo e que a persegue. A pobre mulher refugiou-se numa casa onde quase teve um ataque de nervos. É verdade que o traje vermelho do zuavo pode tê-la feito crer que ele saía do inferno. Parece que se prepara aqui uma cruzada contra o diabo, para dissuadir os doentes de se fazerem curar por ele”

Quem pôde meter na cabeça dessa mulher que o Sr. Jacob é o diabo em pessoa e que as curas são uma velhacaria de sua parte? Não disseram aos pobres de certa cidade que não deviam receber o pão e as esmolas dos espíritas, porque era uma sedução de Satã? e, alhures, que mais valia ser ateu do que voltar a Deus pela influência do Espiritismo, porque ainda aí era uma astúcia do demônio? Em todo o caso, atribuindo tantas coisas boas ao diabo,

fazem tudo o que é necessário para o reabilitar na opinião. O que é mais estranho é que de semelhantes idéias ainda se alimentem populações a algumas léguas de Paris. Assim, que reação quando a luz se fizer nos cérebros fanatizados! É preciso convir que há gente muito desajeitada.

Voltemos ao nosso assunto: as considerações gerais sobre a mediunidade curadora.

Dissemos, e nunca seria demais repetir, que há uma diferença radical entre os médiuns curadores e os que obtêm prescrições médicas da parte dos Espíritos. Estes não diferem em nada dos médiuns escreventes ordinários, a não ser pela especialidade das comunicações. Os primeiros curam só pela ação fluídica, em mais ou menos tempo, às vezes instantaneamente, sem o emprego de qualquer remédio. O poder curativo está todo inteiro no fluido depurado a que servem de condutores. A teoria deste fenômeno foi suficientemente explicada para provar que entra na ordem das leis naturais, e que nada tem de miraculoso. É o produto de uma aptidão especial, tão independente da vontade quanto todas as outras faculdades mediúnicas; não é um talento que se possa adquirir; não se faz um médium curador como se faz um médico. A aptidão para curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade não tem lugar senão com o concurso dos Espíritos; donde se segue que se os Espíritos não querem, ou *não querem mais* se servir dele, é como um instrumento sem músico, e nada obtém. Pode, pois, perder instantaneamente a sua faculdade, o que exclui a possibilidade de dela fazer uma profissão.

Outro ponto a considerar, é que sendo esta faculdade fundada em leis naturais, tem limites traçados por essas mesmas leis. Compreende-se que a ação fluídica possa dar sensibilidade a um órgão existente, fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção, cicatrizar uma ferida, porque, então, o fluido se torna um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente

que não pode remediar a ausência ou a destruição de um órgão, o que seria verdadeiro milagre. Assim, a vista poderá ser restituída a um cego por amaurose, oftalmia, belida ou catarata, mas não aos que tiverem os olhos furados. Há, pois, doenças incuráveis por natureza, e seria ilusão crer que a mediunidade curadora fosse livrar a Humanidade de todas as suas enfermidades.

Além disso, é preciso levar em conta a variedade de nuances apresentada por esta faculdade, que está longe de ser uniforme em todos que a possuem. Ela se apresenta sob aspectos muito diversos. Em razão do grau de desenvolvimento do poder, a ação é mais ou menos rápida, extensa ou circunscrita. Em dadas circunstâncias, tal médium triunfa sobre determinadas doenças em certas pessoas, mas falha por completo em casos aparentemente idênticos. Parece mesmo que nalguns a faculdade curadora se estende aos animais.

Neste fenômeno se opera uma verdadeira reação química, análoga à produzida pelos medicamentos. Atuando o fluido como agente terapêutico, sua ação varia segundo as propriedades que recebe das qualidades do fluido pessoal do médium. Ora, em razão do temperamento e da constituição deste último, o fluido está impregnado de elementos diversos, que lhe dão propriedades especiais. Pode ser, para nos servirmos de comparações materiais, mais ou menos carregado de eletricidade animal, de princípios ácidos ou alcalinos, ferruginosos, sulfurosos, dissolventes, adstringentes, cáusticos, etc. Daí resulta uma ação diferente, conforme a natureza da desordem orgânica; esta ação pode, pois, ser enérgica, muito poderosa em certos casos e nula em outros. É assim que os médiuns curadores podem ter especialidades: este curará as dores ou endireitará um membro, mas não dará a vista a um cego, e reciprocamente. Só a experiência pode dar a conhecer a especialidade e a extensão da aptidão; mas, em princípio, pode-se dizer que não há médiuns curadores universais, em virtude de não haver homens perfeitos na Terra, e cujo poder seja ilimitado.

A ação é completamente diferente na obsessão, e a faculdade de curar não implica na de libertar os obsidiados. O fluido curador age, de certo modo, materialmente sobre os órgãos afetados, ao passo que, na obsessão, é preciso agir moralmente sobre o Espírito obsessor; há que se ter autoridade sobre ele, para o fazer largar a presa. São, pois, duas aptidões distintas, que nem sempre se encontram na mesma pessoa. O concurso do fluido curador torna-se necessário quando, o que é bastante freqüente, a obsessão se complica com afecções orgânicas. Pode, pois, haver médiuns curadores impotentes para a obsessão, e reciprocamente.

A mediunidade curadora não vem suplantar a Medicina e os médicos; vem, simplesmente, provar a estes últimos que há coisas que eles não sabem e os convidar a estudá-las; que a Natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual, que eles desconhecem, não é uma quimera e que, quando o levarem em conta, abrirão novos horizontes à Ciência e triunfarão mais amiúde do que agora. Se esta faculdade fosse privilégio de um indivíduo, passaria despercebida; considerá-la-iam como uma exceção, um efeito do acaso, esta suprema explicação que nada explica, e a má vontade poderia facilmente abafar a verdade. Mas quando virem os fatos se multiplicando, serão forçados a reconhecer que não se podem produzir senão em virtude de uma lei; que se homens ignorantes levam a melhor onde os sábios fracassam, é que estes não sabem tudo. Isto em nada prejudica a Ciência, que será sempre a alavanca e a resultante do progresso intelectual. Só o amor-próprio dos que a circunscrevem nos limites de seu saber e da materialidade pode sofrer com isto.

De todas as faculdades mediúnicas, a mediunidade curadora vulgarizada é a que está chamada a produzir mais sensações, porque em toda parte há doentes, e em grande número, e não é a curiosidade que os atrai, mas a necessidade imperiosa de alívio. Mais que qualquer outra, ela triunfará sobre a incredulidade, tanto quanto sobre o fanatismo, que vê em toda parte a intervenção

do diabo. A multiplicidade dos fatos forçosamente conduzirá ao estudo da causa *natural* e, daí, à destruição das idéias supersticiosas de feitiçaria, de poder oculto, de amuletos, etc. Se se considerar o efeito produzido nos arredores do campo de Châlons por um só indivíduo, a multidão de pessoas sofredoras vindas num raio de dez léguas, pode julgar-se o que isto seria se dez, vinte, cem indivíduos aparecessem nas mesmas condições, quer na França, quer em países estrangeiros. Se disserdes a esses doentes que são juguete de uma ilusão, eles vos responderão mostrando a perna endireitada; que são vítimas de charlatães? dirão que nada pagaram e que não lhe venderam nenhuma droga; que abusaram de sua confiança? dirão que nada lhe prometeram.

É também a faculdade que mais escapa à acusação de charlatanice e de fraude; afronta a zombaria, porque nada há de risível num doente curado que a Ciência havia abandonado. O charlatanismo pode simular mais ou menos grosseiramente a maioria dos efeitos mediúnicos, e a incredulidade nele sempre procura os seus *cordões*.²⁴ Mas onde encontrará os cordões da mediunidade curadora? Podem ser dados golpes de habilidade para os efeitos mediúnicos, e os efeitos mais reais, aos olhos de certa gente, podem passar por golpes de mestre, mas que daria quem tomasse indevidamente a qualidade de médium curador? De duas, uma: cura ou não cura. Não há simulacro que possa suprir uma cura.

Ademais, a mediunidade curadora escapa completamente à lei sobre o exercício ilegal da Medicina, visto não prescrever nenhum tratamento. Com que penalidade se poderia atingir aquele que cura somente pela sua influência, secundada pela prece que, além disso, nada pede como preço de seus serviços? Ora, a prece não é uma substância farmacêutica. Em vossa opinião é uma parvoíce; seja. Mas se a cura está no fim dessa tolice, que direis vós?

24 N. do T.: *Grifo nosso*. Alusão aos cordões “invisíveis” manipulados pelos irmãos Davenport em suas mágicas, com vistas a simular alguns fenômenos mediúnicos em suas apresentações teatrais.

Uma tolice que cura vale bem os remédios que não curam. Puderam proibir o Sr. Jacob de receber doentes no campo e de ir à casa deles, e ele se submeteu dizendo que só retomaria o exercício de sua faculdade quando a interdição fosse levantada oficialmente, porque, sendo militar, quis mostrar-se escrupuloso observador da disciplina, por mais dura que fosse. Nisto agiu sabiamente, pois provou que o Espiritismo não leva à insubordinação; mas aqui é um caso excepcional. Desde que esta faculdade não é privilégio de um indivíduo, por que meio poderiam impedi-la de propagar-se? Se ela se propaga, queiram ou não, terão de aceitá-la com todas as suas conseqüências.

Como a mediunidade curadora depende de uma disposição orgânica, muitas pessoas a possuem, ao menos em germe, mas fica em estado latente por falta de exercício e de desenvolvimento. É uma faculdade que muitos ambicionam, e com razão. Se todos os que desejam possuí-la a pedissem com fervor e perseverança pela prece, e com fim exclusivamente humanitário, é provável que, desse concurso, saísse mais de um verdadeiro médium curador.

Não é de admirar ver pessoas favorecidas com esse dom precioso e que, à primeira vista, não parecem dignas desse favor. É que a assistência dos Espíritos bons é dispensada a todo o mundo, para abrir a todos a via do bem; mas cessa se não se souber tornar-se digno dela, melhorando-se. O mesmo se dá com os dons da fortuna, que nem sempre vem ao mais merecedor; é, então, uma prova para o uso que dela se faz: felizes os que saírem vitoriosos.

Pela natureza de seus efeitos, a mediunidade curadora exige imperiosamente o concurso de Espíritos *depurados*, que não poderiam ser substituídos por Espíritos inferiores, enquanto há efeitos mediúnicos para a produção dos quais a elevação dos Espíritos não é uma condição necessária e que, por esta razão, são obtidos mais ou menos em qualquer circunstância. Certos Espíritos

até, menos escrupulosos que outros quanto a estas condições, preferem os médiuns em que encontram simpatia. Mas pela obra se reconhece o obreiro.

Há, pois, para o médium curador necessidade absoluta de atrair o concurso dos Espíritos superiores, se quiser conservar e desenvolver sua faculdade, senão, em vez de crescer, ela declina e desaparece pelo afastamento dos Espíritos bons. A primeira condição para isto é trabalhar em sua própria depuração, a fim de não alterar os fluidos salutares que está encarregado de transmitir. Esta condição não poderia ser preenchida sem o mais completo desinteresse material e moral. O primeiro é mais fácil; o segundo é mais raro, porque o orgulho e o egoísmo são os sentimentos mais difíceis de extirpar e porque várias causas contribuem para os superexcitar nos médiuns. Desde que um deles se revele com faculdades um pouco transcendentas – falamos aqui dos médiuns em geral, escreventes, videntes e outros – é procurado, adulado e alguns sucumbem à tentação da vaidade. Sem tardança, esquecendo que sem os Espíritos nada seria, considera-se como indispensável e o único intérprete da verdade; denigre os outros médiuns e se julga acima de conselhos. O médium que assim se encontra está perdido, porque os Espíritos se encarregam de lhe provar que podem passar sem ele, fazendo surgir outros médiuns mais bem assistidos. Comparando a série das comunicações de um mesmo médium, pode-se julgar facilmente se ele cresce ou degenera. Quantos vimos, oh! de todos os gêneros, cair triste e deploravelmente no terreno escorregadio do orgulho e da vaidade! Pode-se, pois, esperar ver surgir uma multidão de médiuns curadores. Nesse número, vários deles permanecerão como frutos secos e se eclipsarão, depois de terem brilhado passageiramente, enquanto outros continuarão a elevar-se.

Eis um exemplo disto, que há seis meses nos assinalava um de nossos correspondentes. Num Departamento do Sul, um médium que se tinha revelado como curador, havia operado várias

curas notáveis e sobre ele repousavam grandes esperanças. Sua faculdade apresentava particularidades que deram, num grupo, a idéia de fazer um estudo a respeito. Eis a resposta que obtiveram dos Espíritos, e que nos foi transmitida na ocasião. Ela pode servir de instrução a todos.

“X... realmente possui a faculdade de médium curador notavelmente desenvolvida. Infelizmente, como muitos outros, ele exagera muito o seu alcance. É um excelente rapaz, cheio de boas intenções, mas que um orgulho desmesurado e uma visão extremamente curta dos homens e das coisas farão periclitare prontamente. Seu poder fluídico, que é considerável, bem utilizado e secundado pela influência moral, poderia produzir excelentes resultados. Sabeis por que muitos de seus doentes só experimentam um bem-estar momentâneo, que desaparece quando ele não mais está lá? É que ele age somente por sua presença, mas nada deixa ao Espírito para triunfar dos sofrimentos do corpo.

“Quando parte, nada resta dele, nem mesmo o pensamento que segue o doente, no qual não pensa mais, ao passo que a ação mental poderia, em sua ausência, continuar a ação direta. Ele acredita em seu poder fluídico, que é real, mas cuja ação não é persistente, porque não é corroborada pela influência moral. Quando tem sucesso, fica mais satisfeito por ser notado do que por ter curado; e, contudo, é sinceramente desinteressado, pois coraria se recebesse a menor remuneração. Embora não seja rico, jamais pensou em fazer disto um recurso. O que deseja é que falem dele. Falta-lhe também a afabilidade de coração, que atrai. Os que vêm a ele ficam chocados por suas maneiras, que não geram simpatia, resultando uma falta de harmonia que prejudica a assimilação dos fluidos. Longe de acalmar e apaziguar as más paixões, ele as excita, crendo fazer o que é preciso para as destruir, e isto pela falta de raciocínio. É um instrumento desafinado; por vezes dá sons harmoniosos e bons, mas o conjunto só pode ser mau, ou, pelo menos, improdutivo. Também não é útil à causa quanto o poderia;

a maior parte das vezes a prejudica, porque, por seu caráter, faz apreciar muito mal os resultados. É desses que pregam com violência uma doutrina de doçura e de paz.”

P. – Então pensais que ele perderá o seu poder curador?

Resp. – Estou persuadido disto, a menos que ele entrasse no bom caminho, o que, infelizmente, não o creio capaz. Os conselhos seriam supérfluos, porque está convicto de saber mais que todo o mundo. Talvez parecesse escutá-los, mas não os seguiria. Assim, perde duplamente o benefício de uma excelente faculdade.

O acontecimento justificou a previsão. Mais tarde soubemos que esse médium, depois de uma série de insucessos que seu amor-próprio teve de sofrer, tinha renunciado a novas tentativas de curas.

O poder de curar é independente da vontade do médium; é um fato constatado pela experiência. O que depende dele são as qualidades que podem tornar esse poder frutuoso e *durável*. Essas qualidades são, sobretudo, o devotamento, a abnegação e a humildade. O egoísmo, o orgulho e a cupidez são pontos de parada, contra os quais se quebra a mais bela faculdade.

O verdadeiro médium curador, o que compreende a santidade de sua missão, é movido pelo único desejo do bem; não vê no dom que possui senão um meio de tornar-se útil aos semelhantes, e não um degrau para elevar-se acima dos outros e pôr-se em evidência. É humilde de coração, isto é, nele a humildade e a modéstia são sinceras, reais, sem pensamento dissimulado, e não em palavras, que muitas vezes desmentem os atos. A humildade por vezes é um manto, sob o qual se abriga o orgulho, mas que não poderia iludir ninguém. Não procura o brilho, nem a fama, nem o ruído de seu nome, nem a satisfação de sua vaidade; não há, em suas maneiras, nem jactância, nem bazófia; não exhibe as curas que

realiza, ao passo que o orgulhoso as enumera com complacência, muitas vezes as amplifica, e acaba por se convencer de que fez tudo o que diz.

Feliz pelo bem que faz, não o é menos pelo que outros podem fazer; não se julgando o primeiro nem o último capaz, não inveja nem denigre nenhum médium. Para ele, os que possuem a mesma faculdade são irmãos que concorrem para o mesmo objetivo: ele diz que quanto mais os houver, maior será o bem.

Sua confiança em suas próprias forças não vai até a presunção de se julgar infalível e, ainda menos, universal; sabe que outros podem tanto ou mais que ele; sua fé é mais em Deus do que em si mesmo, pois sabe que tudo pode por ele, e nada sem ele. Eis por que nada promete, a não ser sob a reserva da permissão de Deus.

À influência material, junta a influência moral, auxiliar poderoso que dobra sua força. Por sua palavra benevolente, encoraja, levanta o moral, faz nascer a esperança e a confiança em Deus. Já é uma parte da cura, porque é uma consolação que predispõe a receber o eflúvio benéfico ou, melhor dizendo, o pensamento benevolente que é, por si só, um eflúvio salutar. Sem a influência moral, o médium só tem em si a ação fluídica, material e, de certo modo, brutal, insuficiente em muitos casos.

Enfim, para aqueles que possuem as qualidades do coração, o doente é atraído por uma simpatia que predispõe à assimilação dos fluidos, enquanto o orgulho e a falta de benevolência chocam e fazem experimentar um sentimento de repulsa, que paralisa essa assimilação.

Tal é o médium curador estimado pelos Espíritos bons. Tal é, também, a medida que pode servir para julgar o valor intrínseco dos que se revelarem e a extensão dos serviços que poderão prestar à causa do Espiritismo. Isto não significa que não

se encontrem médiuns senão nestas condições, e que aquele que não reunisse todas as qualidades não possa momentaneamente prestar serviços parciais, sendo, pois, um erro o repelir. O mal é para ele, porque, quanto mais se afasta do modelo, menos pode esperar ver sua faculdade desenvolver-se e mais perto se acha de seu declínio. Os Espíritos bons só se ligam aos que se mostram dignos de sua proteção, e a queda do orgulhoso, mais cedo ou mais tarde, é a sua punição. O desinteresse é incompleto sem o desinteresse moral.

Subscrição em Favor dos Inundados

A Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de reabertura de 5 de outubro, abriu uma subscrição em favor dos inundados. Um primeiro depósito de 300 francos foi feito em seu nome no escritório do *Moniteur universel*. As subscrições continuarão a ser recebidas no escritório da *Revista Espírita*.

Allan Kardec